

A INVASÃO DE MOSSORÓ¹

Milton Pedrosa

“Diga a Lampião que só tenho dinheiro em moedas de cobre. Que ele venha ajudar a contá-lo.”

Foi com estas palavras que o velho prefeito de Mossoró respondeu ao famoso bandoleiro, que lhe mandara exigir quatrocentos mil cruzeiros, sob pena de invadir a cidade. E quando, naquela quente manhã de junho de 1927, o portador se retirou, levando a negativa das autoridades municipais ao grupo de cangaceiros pronto para atacá-la, a população começou a mostrar-se agitada.

Havia vários anos Lampião corria os sertões do Nordeste levando o medo à sua frente e deixando em seu rastro uma lenda de vinditas que crescia ininterrupta pelos pequenos povoados, vilas ou cidades. Mas atacar a segunda cidade do Rio Grande do Norte, o maior centro exportador de algodão e sal, rico de estabelecimentos industriais e comerciais, era algo até então considerado inacreditável. Entretanto, varando os difíceis caminhos feitos nas grotas, nas caatingas, nos serrotes, através dos xiquexiques e mandacarus, seu bando emergiu de pleno sertão e aproximou-se do litoral, onde já precedera a mesma fama que no passado pertencera a Jesuíno Brilhante, Antônio Silvino e tantos outros. E ali estava ele, agora a poucos quilômetros, tomando suas últimas disposições para o ataque ao populoso centro nordestino.

De mistura com fatos verdadeiros, circulavam os mais variados boatos. Dizia-se que o grupo passara a noite anterior acampado em São Sebastião. Para alguns, o total de cangaceiros não passava de 50 pessoas, enquanto para outros subia a mais de uma centena, todos os homens providos de boas montarias, bem arrumados e bem municiados. Naquela localidade já haviam apreendido um caminhão pertencente à estrada-de-ferro e aprisionado um fazendeiro, por cujo resgate exigiam alto preço. Dizia-se também que muitos ex-cassacos da Estrada de Ferro Mossoró ultimamente se haviam incorporado ao grupo, e que era aceito por muita gente, ante as constantes injustiças contra esses trabalhadores, muitos dos quais não viam outra saída senão o ingresso nos grupos que periodicamente se faziam e se desfaziam no interior do Estado.

Esses fatos eram narrados por pessoas que, a rigor, ninguém poderia identificar, mas deixavam a população amedrontada e deram lugar ao êxodo que logo começou e se prolongou por toda a noite até o dia seguinte. Numerosas famílias, principalmente a dos industriais, altos comerciantes e banqueiros deixaram a cidade, rumando para Porto Franco, Areia Branca, e outros pontos, onde pudessem estar livres das conseqüências da invasão de Mossoró. Muitas pessoas acharam que o melhor era fazerem-se ao mar, embarcar em algum navio surto no porto.

Enquanto isso, a cidade encontrava-se praticamente em pé de guerra, com a mobilização para a defesa. Mais de trezentos homens foram armados, durante o dia, de fuzis, rifles e revólveres, civis e militares, soldados da polícia e do exército, sob o comando de oficiais, foram distribuídos pelos pontos estratégicos tais como as torres das igrejas em pontos mais centrais da cidade, e os edifícios mais altos, em cuja cumeiras, sentinelas ficavam em estado de alerta. Trincheiras formadas de fardos de algo-

¹ Coletânea, Ano IV, nº 40, Rio de Janeiro, Janeiro de 1955 in. Vingt-un Rosado – Milton Pedrosa, o Romancista da Saga Ferroviária de Mossoró. Fundação Vingt-un Rosado/Coleção Mossoroense, Série “C”, Volume 932, Fevereiro de 1997. Págs. 145 a 151.

dão foram levantadas nas ruas por onde se esperava pudessem tentar os cangaceiros sua penetração.

À tardinha, todo o plano de resistência estava preparado. Então, sobreveio a expectativa maior. Trens e mais trens partiam da estação levando famílias que se dirigiam para Porto Franco. Noite adentro os apitos se sucediam. Mas chegou a manhã, sem novidade. Somente à tarde ouviram-se os primeiros tiros. Dezenas de homens correndo em ziguezague, atirando para o interior das casas de um lado e outro da rua, atravessaram o subúrbio do Alto da Conceição, aos gritos de “Eita Mossorozinho de açúcar”, e rumaram diretamente para a praça principal. A maior caminho, porém, achou-se o grupo sob o fogo cruzado de uma das trincheiras armadas na rua e do que partia da torre de uma das igrejas. Enquanto isso, um segundo grupo menor ladeava o cemitério e atacava o edifício da estação ferroviária, onde a resistência logo se fez sentir. O tiroteio generalizou-se. Durante duas horas, às vezes mais intenso, às vezes apenas perceptível o combate se fazia ouvir em toda a cidade. Apesar do revide, Lampião e seus sequazes combateram até o crepúsculo. Já ao lusco-fusco os homens entrincheirados atrás dos fardos de algodão perceberam a aproximação de um vulto, que de repente se elevou no ar e veio tombar quase aos pés da trincheira. Imediatamente, outro vulto se destacou e aproximou-se do bandido atingido, arrastando-o para um ângulo protetor de uma parede. Começou a retirar as armas do morto. Quando foi baleado por algum atirador postado na torre da igreja próxima.

Depois, a noite, apenas ligeiramente iluminada, envolveu homens e coisas de Mossoró, onde somente se ouviram, por algum tempo, tiros esporádicos. Os homens pernoitaram nas trincheiras. Ao amanhecer, verificaram que o bando de Lampião havia abandonado o campo de batalha, deixando um morto: o famoso Colchête. A população saiu para as ruas e veio ver o cadáver exposto em praça pública. Muitos queriam tocar o corpo, que durante algum tempo foi arrastado pelas ruas principais. Mas a morte de Colchête logo foi ultrapassada por outros acontecimentos. Espalhou-se que dois outros homens haviam sido feridos. Um deles tinha o apelido de “Menino de Ouro” e sua fama vinha do fato de ter certa vez enfrentado até o próprio Lampião. Na verdade, seu corpo jamais apareceu. Mais tarde, chegou-se a afirmar que Lampião o fizera enterrar em local desconhecido, durante a retirada. O segundo chamava-se Jararaca. Fora ele quem, durante o tiroteio, se aproximara de Colchête, tentando retirar suas armas. Ferido, arrastara-se durante mais de dois quilômetros até atingir a ponte sobre o rio Mossoró, que conseguira atravessar mesmo com a perna perfurada por uma bala. Do outro lado do rio, escondeu-se numa moita de mofumbo à beira da estrada, à procura do homem que certamente o ajudaria em seus planos. E este apareceu na figura de um “beradeiro”. O cangaceiro chamou-o. A princípio ameaçou-o de morte. Em seguida, prometeu-lhe certa importância, contando que ele lhe fosse fazer determinada compra, incluindo mastruço, pimenta e outras coisas com que tratar o ferimento. O matuto dissimulou, fingiu aceitar a proposta, foi à cidade e comunicou o acontecimento às autoridades. Mais tarde voltou à moita de mofumbo, onde Jararaca o esperava de parabelo na mão. O homem fez a entrega das compras e ofereceu-se para ajudar no curativo. O bandoleiro olhou-o nos olhos, ficou pensativo por alguns segundos e aquiesceu. Largou a arma e... nesse momento o “beradeiro”, lançando o grito combinado, agarrou-o, enquanto soldados que haviam ficado de emboscada acudiram e dominaram o ferido.

Jararaca foi levado para a cadeia, onde permaneceu durante vários dias. De vez em quando, soldados ou curiosos se aproximavam procurando irritá-lo. Apesar de ferido, o cangaceiro fazia vãs tentativas de erguer-se e revidar os insultos.

Um dia, porém, tudo aquilo terminou. Alta noite retiraram Jararaca da cadeia e o conduziram dizendo que o levavam para Natal. Sob o comando de um cabo, a escolta da polícia encaminhou-se até o cemitério, onde o obrigaram a cavar uma sepultura. Depois... à beira da própria cova, Jararaca tombou sem vida, ante a certa punhalada que lhe deu o cabo comandante da patrulha.

E esta foi a última cena da invasão de Mossoró pelo grupo de Lampião, que, aí teve sua primeira derrota.